

A PSICOLOGIA HUMANISTA E O PARADIGMA HOLÍSTICO CONTEMPORÂNEO

LUÍSA HANISCH LOPES

RESUMO

Este artigo aborda a idéia do novo paradigma holístico que aos poucos vem se instalando na sociedade ocidental fazendo relação com as idéias e características da psicologia humanista.

A MUDANÇA DE CONCEPÇÃO DO MUNDO

Para Crema (1989) cosmovisão, além de significar uma visão ou concepção de mundo, expressa também uma atitude frente ao mesmo, assim como, toda cosmovisão sustenta-se em algum paradigma básico. O conceito ainda em voga da ciência moderna derivou-se da revolução científica, um movimento que brotou no século XVII e superou definitivamente o modelo de pensamento escolástico medieval. Os principais edificadores desse novo edifício conceitual foram Galileu, Bacon e, principalmente, Descartes e Newton, razão pela qual o vasto paradigma moderno pode ser denominado cartesiano-newtoniano (CREMA, 1989).

No final do século XIX, a física clássica encontrava-se em pleno apogeu. O seu grande poder explicativo sustentou o marcante progresso tecnológico com ênfase no racionalismo empírico e no controle da natureza. Santos (1998) relata que a modernidade que emergiu do racionalismo cartesiano, trouxe em seu bojo a dissociação entre homem e universo, o distanciamento cada vez maior entre natureza e cultura. O homem, dispondo de um amplo poder sobre a natureza e de um enorme aparato tecnológico, imaginou poder explicar até mesmo os fenômenos da consciência, do mesmo modo como explicava os fenômenos da

natureza. A firme crença na sentença científica passou a todos os campos do saber, incluindo as ciências do comportamento.

Para Crema (1989), a atual crise planetária, multidimensional em sua abrangência, pode ser traduzida como uma crise de fragmentação, atomização, e desvinculação em consequência da demasiada exploração da natureza e do modo de vida individualista e materialista do homem moderno. O autor salienta que, como nunca antes, o homem encontra-se esfacelado no seu conhecimento, atomizado no seu coração, dividido no seu pensar e sentir, compartimentalizado no seu viver. Refletindo uma cultura racional e tecnológica o indivíduo encontra-se fragmentado e encerrado em compartimentos estanques; interiormente dividido, em permanente estado de conflito, vive num mundo também fracionado em territórios e nacionalidades, em estado de guerra infindável.

Após ter prevalecido por mais de três séculos, a cosmovisão moderna, sustentada por esse paradigma, encontra-se decadente sob o peso das suas próprias contradições e incapaz de responder aos novos desafios. Já se pode delinear, com certa precisão, o lado sombrio e destrutivo do padrão atitudinal determinado pela concepção moderna do mundo, racionalista, mecanicista e reducionista. “A ciência desvinculou-se da mística, da filosofia, da ética e estética, da poesia, e de um certo modo, da própria vida” (CREMA, 1989, p. 23). A cosmovisão moderna, que nos brindou com imensos benefícios através do incontestável e espetacular progresso tecnológico, deixou-nos também um tenebroso legado, que pode ser traduzido como uma arraigada atitude fragmentada, geradora de alienação, conflitos e incontável sofrimento psíquico.

A crença cartesiana na verdade científica é, ainda hoje, muito difundida e reflete-se no cientificismo que se tornou típico da cultura ocidental. Muitas pessoas em nossa sociedade, tanto cientistas como não-cientistas, estão convencidas de que o método científico é o único meio válido de compreensão da realidade. A fragmentação, característica do pensamento atual

e das disciplinas acadêmicas e escolares, tem sua raiz no método analítico de raciocínio estabelecido por Descartes. Toda essa cosmovisão mecanicista encorajou a exploração desordenada dos recursos naturais, causando sérios prejuízos à biosfera. Do ponto de vista social, essa maneira de ver o mundo induziu a formação de um modelo de sociedade violenta, baseada na exploração do homem, na exclusão e na concentração de riquezas, onde o mais importante é o acúmulo de bens fazendo com que as pessoas se tornassem cada vez mais competitivas e individualistas, numa sociedade denominada capitalista.

Essa concepção de ciência prevaleceu até este século, quando a nova física – a física das partículas subatômicas – veio nos mostrar que não existe verdade absoluta em ciência, que todos os conceitos e teorias são limitados e aproximados (SANTOS, 1998). O paradigma mecanicista começou a ser seriamente abalado pela pesquisa dos fenômenos elétricos e magnéticos; o físico alemão Max Planck revolucionou a física com a sua teoria dos quanta. Einstein foi o primeiro que reconheceu a teoria de Planck e deu início a física moderna que é relativista, atômica e quântica. Depois de Einstein, surgiram tantos outros físicos que sustentaram a nova idéia e complementaram com mais informações (CREMA, 1989). Aos poucos, a noção newtoniana-cartesiana do mundo tornou-se obsoleta para os que conseguiram se abrir para uma nova realidade de mundo, cedendo lugar para a idéia do “Universo como um incomensurável campo de consciência, onde desenrola-se o Holodrama misterioso da Holocriação” (CREMA, 1989, p. 49).

O paradigma epistemológico que emerge e ganha força atualmente é oriundo das descobertas realizadas pela física quântica e pela biologia molecular (SANTOS, 1998). A combinação entre ambas enriqueceu nossa compreensão acerca do caráter de sistemas dos organismos vivos e do próprio cosmos, como explicado na conceituação de Capra (1982): “os sistemas são totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas às de unidades menores” (p. 260). Segundo esse novo modelo, cada sistema compõe-se de

subsistemas, e todos são parte de um sistema ainda maior. A relação integrativa dinâmica entre seus diversos sistemas se processa de modo tal que cada um participa ativamente na regulação do outro, constituindo um todo homeostático. Aquela visão fragmentada, constituída de corpos celestes submetidos à simples relação de causa e efeito foi substituída pela concepção de natureza orgânica, sistêmica, ecológica, holística. Como aborda Santos (1998): “a nível profundo, o que existe é uma teia simultânea de relações globais e interação mútua. O universo é um todo dinâmico e indivisível, cujas partes estão essencialmente inter-relacionadas e só podem ser entendidas como modelos de um processo cósmico” (p.141).

Transcendendo o modelo mecanicista, a física do século XX desvelou um universo vivo, dinâmico, interligado, sistêmico, numa só palavra: holístico. O paradigma holístico (relembrando, do grego Holos: Totalidade) representa uma revolução científica e epistemológica que emerge como resposta a tendência fragmentaria e reducionista do antigo paradigma (CREMA, 1989). Como assinala Pierre Weil (1987), a visão holística busca dissolver toda espécie de reducionismo: o científico, o somático, o religioso, o niilista, o materialista, o racionalista, o mecanicista e o antropocêntrico, entre outros.

A PSICOLOGIA HUMANISTA

Durante o forte período do paradigma newtoniano-cartesiano, a psicologia também caminhou em direção ao reducionismo e a fragmentação do ser humano, não compreendendo sua complexidade e totalidade. Os líderes do movimento humanista levantaram suas vozes contra a imagem de homem e de método científico defendidas pelo Behaviorismo - dominante no campo da Psicologia experimental – e contra a imagem de homem e de método terapêutico da Psicanálise - dominantes no campo da psicoterapia.

O foco das críticas dos psicólogos humanistas era a imagem de Homem, desta vez, a admitida pela Psicanálise. Segundo eles, a visão da natureza humana em Freud era pessimista,

fatalista e excessivamente centrada no *lado negro* do ser humano. O movimento humanista foi contra, também, a objetividade e ao positivismo da época, indo contra as idéias e métodos da prática da psicologia que, de certa forma, obtinha sucesso com seus experimentos e quantificações.

O movimento humanista resgatou valores esquecidos pela ciência como a determinação, a liberdade de escolha, a responsabilidade, a dimensão espiritual, a subjetividade e a singularidade; valorizou as possibilidades de mudança entendendo que tudo se modifica e que a vida está em constante transformação, ampliando, assim, a visão de homem e de universo. O movimento humanista repeliu os rótulos, enquadramentos, diagnósticos, explicações fechadas e rígidas. Trouxe a idéia para a psicologia que é possível ser flexível, aberto, processual e móvel no constante entendimento do homem e na prática da psicoterapia. O movimento humanista respondeu ao reducionismo e a fragmentação do homem, defendidas pelo Behaviorismo e pela Psicanálise, enfatizando que o organismo é um todo unificado, afetado em sua totalidade pelo o que quer que aconteça em qualquer uma de suas partes. A Psicologia da Gestalt que também surgiu com o movimento humanista considera o homem como uma unidade irreduzível onde tudo está relacionado com tudo, e o todo é mais do que a soma de suas partes. É esse espírito holista da Gestalt (assim como sua concepção do comportamento humano como intencional) que foi assimilado pelo movimento.

A Psicologia Humanista propõe a realização de uma revolução na abordagem do objeto de estudo da Psicologia. Como afirma AmatuZZi (1989), a consideração do ser humano em termos de causa e efeito, antecedente e conseqüente, parte e todo, por mais cabível, correta ou verdadeira que possa ser, não dá conta do ser humano como um todo em movimento. Ele argumenta que por mais que se tente explicar a causa do comportamento humano, sempre ficará faltando a questão do sentido que o se precisa dar à própria vida.

A psicologia Humanista se sustenta na fenomenologia e no existencialismo, oferecendo a base da intencionalidade, confiança na intuição (acredita que o organismo humano é sábio), dá valor a consciência e não se detém muito no inconsciente. Enfatiza a subjetividade humana, a singularidade de cada um, o encontro existencial eu-tu, e o momento vivencial do aqui e agora estimulando viver a experiência e não racionalizá-la. Ou seja, a psicologia Humanista, ao contrário da psicanálise e do Behaviorismo, qualifica o ser humano como livre, ativo e orientado propositivamente. Acredita que o ser humano é um foco de atividade do universo, e não um mero objeto sofrendo a influência pura e simples das leis físicas.

Assim, o enfoque humanista rompe com a tradição mecanicista-newtoniana e considera o ser humano como autoconsciente, auto-orientado e criativo, em suma, possuidor de livre-arbítrio. A pessoa em seu pleno funcionamento é proativa, autônoma, orientada por escolhas, adaptável e mutável, em suma, é um ser num processo de contínua transformação. O ser humano para os humanistas é um organismo único, com a habilidade para direcionar, escolher, e alterar os motivos que guiam o projeto de seu curso de vida. È considerado em toda sua complexidade, caminhando junto com o novo paradigma holístico que aos poucos vem se instalando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como aborda Ribeiro (1991), a nossa civilização é fragmentada, é mecanicista, privilegia as relações de causa e efeito, privilegia o sentido quantitativo do comportamento, enobrece a causa eficiente e se esquece da causa final, através da qual a qualidade fica mais clara e o sentido da consciência se torna mais imperioso. Entretanto, começa a surgir no mundo um novo ar, uma nova brisa, fazendo apelo à totalidade, apelo este que conseqüentemente irá influenciar decisivamente a postura de vida das pessoas. O humanismo

vem de encontro com este novo paradigma que vem se instalando, que é holístico e considera o universo como algo complexo de constantes possibilidades e mudanças.

E quem sabe um dia poderemos viver para totalidade partindo da totalidade.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, M. M. O significado da Psicologia Humanista, posicionamentos filosóficos implícitos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 1989.

CAPRA, F. O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo, Cultrix, 1982.

CREMA, Roberto. Introdução à visão holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma. São paulo: Summus, 1989.

RIBEIRO, JORGE PONCIANO. Visão holística em psicologia e educação. São Paulo: Cortez, 1991.

SANTOS, José Messias dos. Cosmovisão, epistemologia e educação: uma compreensão holística da realidade. Rio de janeiro: editoria central da universidade gama Filho, 1998.

WEIL, P. A neurose do paraíso perdido – proposta para uma nova visão da existência. Rio de janeiro: espaço e tempo, 1987.

Anotações de aula.